

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

O SILÊNCIO DOS HOMENS SOBRE O MASCULINO: O NÃO DITO PELO DITO.

Dante Luis Tonezer (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: dante_tonezer95@hotmail.com

Palavras-chave: Masculinidade. Identidade de gênero. Docente. Existencialismo. Fenomenologia.

Quando eu tinha aproximadamente cinco anos, recordo-me de estar sentado de pernas cruzadas no mesmo ambiente em que encontravam-se minha mãe e minhas tias, e ouvir de uma delas a seguinte advertência: “*descruze essas pernas que tu não é menina; senta “igual a um homem”*”. Lembro-me que me assustei e fiz cara de choro para minha mãe. Ela, por conseguinte, sorriu e me levou para outro cômodo e me explicou que poderia sentar como eu quisesse, mas que eu iria provavelmente lidar com esse tipo de repreensão se escolhesse sentar-me daquela maneira – de “pernas cruzadas”.

Daquele momento em diante – e durante um longo tempo – comecei a sentar, mesmo que com certa “autorização” da minha mãe, com as pernas lado a lado, abertas ou apoiando o calcanhar no joelho, mas nunca com as pernas cruzadas. Custou-me entender que sentar com as pernas cruzadas não me torna “menos” homem.

Esse tipo de pensamento é fruto do que entende-se hoje por machismo, uma ideologia ensinada à maioria das crianças desde cedo. Ideologia que aponta que é preciso que os meninos/homens provem a todo o tempo que não são “meninas/mulheres”; que não são “*gays*”; que não são “frescos”. É a construção de uma ideia de masculinidade, passada por gerações, que impossibilita aos meninos, aos jovens homens, aos homens adultos e velhos se sentirem seguros com sua masculinidade, posto que as exigências de que se afirmem como “machos” a todo o momento, paradoxalmente, colocam-lhes diante da dúvida de que o são.

Refletir sobre essas contradições e o sofrimento que advém delas, possibilitou-me pensar que, se pela ideologia machista projeta-se fortalecer os homens pela subordinação/fragilização das mulheres, esta ideologia forja o seu próprio fundamento pelo seu caráter paradoxal.

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Não obstante que os homens falam, escrevem e discutem sobre as lutas dos movimentos feministas, essas que eles não protagonizam. Ao colocá-las à sua presença, mesmo as defendendo, é a fragilidade da mulher que visam. Falar sobre o machismo requer dos homens que reconheçam a sua condição paradoxal, isto é, que, no mínimo, conscientizem-se que a violência contra as mulheres é face da mesma moeda que abriga a incerteza com relação à pujança masculina.

Foi somente quando me aprofundi no pensamento de Jean-Paul Sartre que pude compreender que antes de qualquer determinação do meu Ser, eu primeiro existo e existindo me edifico como sujeito. É devido a essa realidade humana – de ser um **Ser** indeterminado e de possibilidades – que o ser humano é entendido por Sartre como **Ser** de **liberdade**. É essa **liberdade** que “precede a essência do homem e torna-a possível [...]. O homem não é *primeiro* para ser livre *depois*: não há diferença entre o ser do homem e seu ‘ser-livre’” (SARTRE, 1997, p. 68, grifos do autor).

A liberdade é a condição pela qual cada indivíduo se constitui; porém, o ser humano não é total liberdade, devido a suas condições socio-históricas, destarte, toda liberdade é compreendida como **liberdade situada**; como menciona Sartre (1997, p. 593), “não sou ‘livre’ nem para escapar ao destino de minha classe, minha nação, minha família, nem sequer para construir meu poderio ou minha riqueza[...]”.

A partir disso, passei a compreender que nem sempre nos percebemos livres diante da história que nos determina, isto é, nem sempre compreendemos que somos nós, indivíduos, que construímos a história e somos construídos por ela, num movimento dialético de apreensão e significação singular do mundo (do que é social, universal) e do agir sobre ele, possibilitando socializar o produto de nossa ação singular.

Tendo clareza desse movimento, comecei a refletir sobre o que seria masculinidade (ou masculinidades) e as possibilidades de escolha e mudança do homem diante do modo universal de ser masculino. Encontrei nas obras da filósofa existencialista Simone de Beauvoir e nas da filósofa pós-estruturalista Judith Butler, base para o entendimento dessas temáticas. A partir delas, compreendi que o ser humano, mesmo nascendo com uma condição biológica que, tradicionalmente, possa definir seu “sexo”, ele não nasce com seu gênero determinado, mas o constrói em sua vivência. Essa construção é realizada num dado tempo e numa dada cultura, sendo possível perceber uma normatização social sobre o que é feminino e o que é masculino. Butler (2003) assevera que essa construção se dá a partir de estereótipos

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

preexistentes na cultura e no local em que a pessoa nasce e são idealizadas para a pessoa, para que ela se enquadre como tal.

Deparando-me com o que Beauvoir e Butler escreveram sobre gênero, busquei compreender um pouco mais sobre a temática **masculinidade** dentro dos estudos sobre gênero. Ao realizar pesquisas e leituras de produções científicas sobre esta temática, percebi que a grande maioria dos escritos sobre masculinidade é produzido por mulheres, ou seja, a situação atual nos mostra que são as mulheres que falam, além da feminilidade, sobre a masculinidade. Em contraponto, quando procurava textos sobre feminilidade – sobre o modo de ser feminino –, percebi que há diversos trabalhos sobre este tema escritos por homens.

À vista disso, surgiram-me algumas questões – pontos de partida para orientar esta pesquisa: como os homens compreendem a masculinidade e a feminilidade? Por que e para quê pesquisadores homens tendem a pesquisar sobre a feminilidade e pouco se debruçam sobre a temática da masculinidade? Como auxiliam, ou ratificam, preconceitos relacionados às “masculinidades”. Enfim, em que condições singulares/universais produzem suas pesquisas sobre gênero?

Tendo como ponto de partida a escassez de produções de pesquisadores homens sobre a masculinidade; em contrapartida, o grande número de pesquisas realizadas por esses que abordam a temática gênero, evidenciando tópicos que não protagonizam diretamente; e a escassez de produções que focam a experiência de homens diante da violência da cultura machista; verifica-se a possibilidade de compreensão de como pesquisadores homens justificam suas escolhas pelo respectivo foco de suas pesquisas, por conseguinte, a possibilidade de elucidar o tipo de raciocínio e os valores pelos quais esses pesquisadores se orientam durante a execução das mesmas, principalmente, para elucidar algumas possibilidades da escassez de pesquisas sobre masculinidades realizadas por esses pesquisadores. À vista disso, estas são as justificativas que motivam a realização dessa pesquisa.

Diante do exposto, o **objetivo geral** desta pesquisa é o de *desvelar as mediações e as contradições existentes na relação de pesquisadores homens com a temática gênero*. Para atingi-lo, propõem-se trabalhar com docentes-pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá, *campus* sede, que componham o quadro funcional de professores efetivos desta IES, alocados no Centro e Ciências Humanas e Letras (CCH) e que realizaram ou realizam pesquisa docente sobre gênero. Foi feita uma pesquisa preliminar junto ao CCH para delimitar

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

uma **amostra** inicial, pela qual foram encontrados oito docentes que se enquadram nos requisitos necessários.

O número desta amostragem pode ser ampliado ou diminuído, conforme o consentimento dos docentes. Todos os encaminhamentos éticos (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e cuidados para com o sigilo de dados que comprometam os entrevistados), serão plenamente empregados.

Caso os docentes concordem em participar, será feito um diálogo ancorado em uma entrevista semidirigida, com perguntas disparadoras, com o intuito de compreender as vivências de cada um dos docentes que pesquisam sobre gênero. Citamos como exemplo, as seguintes perguntas disparadoras (1) *Fale-me sobre a escolha da temática gênero e os respectivos focos de orientação de suas pesquisas; como justifica suas escolhas?*; (2) *Fale-me sobre os respectivos objetivos de suas pesquisas;* (3) *Como você compreende o gênero; o feminino e a feminilidade; o masculino e a masculinidade e a relação entre esses temas?*; (4) *Conte-me como é para você pesquisar sobre gênero, na condição de docente pesquisador homem?* As entrevistas serão gravadas, de acordo com a permissão de cada entrevistado, e posteriormente serão transcritas.

As entrevistas se apoiarão no **Método Fenomenológico**. Neste contextualiza-se um dado fenômeno, buscando compreendê-lo, colocando-o em suspensão (GARNICA, 1997). Colocá-lo em suspensão é remover, ao máximo, todo o referencial teórico prévio que o pesquisador possui, permanecendo somente aquilo que nele está “cravado”, quer dizer, toda sua história de vida. Esse afastamento é trazido por Husserl em sua Fenomenologia, e é a partir dele que o acadêmico-entrevistador intenciona a captação de um ou mais atos de seus respectivos entrevistados, objetivando investigar a relação pessoal destes com o que exprimem (AMATTUZI, 1996 citado por ANDRADE; HOLANDA, 2010). O que pretende-se, portanto, é compreender como a consciência de cada entrevistado apreende e significa o mundo, e como expressam seus valores, seus conhecimentos, inclusive sua moralidade e ética, através do que escolhe pesquisar.

Como a apreensão ocorre a partir do que o outro diz sobre determinado fenômeno; após realizadas as entrevistas, o acadêmico-pesquisador descreverá as falas dos entrevistados, tal como cada um se expressou durante a entrevista. Após as transcrições, parte-se para a **Análise Ideográfica e Nomotética** (GARNICA, 1997). Na **análise ideográfica**, relê-se as transcrições, procurando nelas unidades de significado que são entendidas como “recortes

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

julgados significativos pelo pesquisador, dentre os vários pontos aos quais a descrição pode leva-lo” (GARNICA, 1997, p.8-9).

Na **Análise Nomotética**, analisa-se todas as falas categorizadas, buscando nelas, em consonância com o **objetivo**, o que medeia a relação dos entrevistados com o fenômeno. Essas mediações, por sua vez, podem ser ideologias, teorias, instrumentos, objetos etc., que nos indicarão (ou não) possíveis contradições contidas no entendimento dos entrevistados sobre o fenômeno “gênero”.

Essas unidades de significado serão **analisadas** a partir do pensamento de Jean-Paul Sartre, pela lógica dialética, buscando compreender as condições contraditórias em que os entrevistados constroem conhecimentos, bem como as mediações existentes na relação desses com o mundo.

Enfim, realizar a análise crítica dos fenômenos apreendidos a partir das falas dos entrevistados – o que há de singular e de universal que os medeiam na relação com as questões de gênero (o que os unifica e singulariza); bem como investigar se os pesquisadores têm consciência reflexiva e crítica dessas contradições e mediações, poderá contribuir para desvelar possíveis construções de conhecimentos sobre a temática gênero, que podem, ou não, auxiliar na legitimação da heteronormatividade.

Referências

AMATUZZI, M. M. Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In: ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A, F. Apontamento sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013>. Acesso em: 09 de out. 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia. **Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831997000200008>. Acesso em: 21 de out. 2018.

SARTRE, J. P. **O ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 5. ed, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.